

OS PRIMEIROS PASSOS DO TÊNIS DE MESA FEMININO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1902-1949)

THE FIRST STEPS OF WOMEN'S TABLE TENNIS IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO (1902-1949)

LOS PRIMEROS PASOS DEL TENIS DE MESA FEMENINO EN LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO (1902-1949)

Gustavo Kenzo Yokota

<https://orcid.org/0000-0002-6685-9518> 

<http://lattes.cnpq.br/1206222421434236> 

Universidade de São Paulo (São Paulo, SP – Brasil)

gustavoyokota@usp.br

Resumo

O intuito deste trabalho foi estruturar o passado do tênis de mesa feminino durante a primeira metade do século XX, debruçando-se especificamente sobre a cidade do Rio de Janeiro, a qual esteve por trás da organização dos primeiros campeonatos de abrangência nacional com a participação das mulheres. Trata-se, portanto, de um trabalho de caráter historiográfico, de abordagem qualitativa e exploratória com buscas documentais em jornais da época e discussões norteadas pela literatura pertinente ao tema. Os jornais da época foram consultados a partir do acervo da Hemeroteca Digital, no qual buscou-se pela ocorrência de palavras-chave relacionadas ao tênis de mesa feminino. A partir das informações encontradas, esperava-se não apenas registrar os nomes, clubes e conquistas de jogadoras pioneiras que ainda não faziam parte dos registros e documentos oficiais, como também provocar reflexões necessárias sobre acontecimentos que ecoam até os dias atuais. Constatou-se, entre outras coisas, que as mulheres foram impedidas de disputar as competições oficiais até 1940, e, mesmo quando incluídas nesses contextos, tiveram uma trajetória marcada pelo descaso, por ressalvas e limites bem delimitados.

Palavras-chave: Tênis de Mesa; História; Mulheres; Rio de Janeiro.

Abstract

The aim of this work was to structure the past of women's table tennis during the first half of the 20th century, focusing specifically on the city of Rio de Janeiro, which was behind the organization of the first national championships with the participation of women. It is, therefore, a work of a historiographical nature, with a qualitative and exploratory approach with documentary searches in newspapers of the time and discussions guided by the literature relevant to the topic. The newspapers of the time were consulted from the Hemeroteca Digital collection, which searched for the occurrence of keywords related to women's table tennis. Based on the information found, it was expected not only to record the names, clubs and achievements of pioneering players who were not yet part of official records and documents, but also to provoke necessary reflections on events that echo to the present day. It was found, among other things, that women were prevented from competing in official competitions until 1940, and, even when included in these contexts, they had a trajectory marked by neglect, reservations and well-defined limits.

Keywords: Table Tennis; History; Women; Rio de Janeiro.

Resumen

El objetivo de este trabajo fue estructurar el pasado del tenis de mesa femenino durante la primera mitad del siglo XX, centrándose específicamente en la ciudad de Río de Janeiro, que estuvo detrás de la organización de los primeros campeonatos nacionales con participación femenina. Se trata, por tanto, de un trabajo de carácter historiográfico, con un enfoque cualitativo y exploratorio con búsquedas documentales en periódicos de la época y discusiones guiadas por la literatura relevante al tema. Se consultaron los periódicos de la época de la colección Hemeroteca Digital, que buscó la aparición de palabras clave relacionadas con el tenis de mesa femenino. A partir de la información encontrada, se esperaba no sólo registrar los nombres, clubes y logros de jugadores pioneros



que aún no formaban parte de registros y documentos oficiales, sino también provocar las necesarias reflexiones sobre hechos que resuenan hasta la actualidad. Se constató, entre otras cosas, que las mujeres estuvieron impedidas de competir en competencias oficiales hasta 1940 y, aun incluidas en estos contextos, tuvieron una trayectoria marcada por el abandono, las reservas y los límites bien definidos.

Palabras clave: Tenis de Mesa; Historia; Mujeres; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Entre os dias 16 e 25 de fevereiro de 2024, foi sediado na cidade de Busan, Coreia do Sul, o Campeonato Mundial de Equipes de Tênis de Mesa, promovido desde 1926 pela federação internacional da modalidade (UZORINAC, 2001). Faz-se necessário destacar a edição mais recente do evento, pois houve um desfecho histórico para a seleção brasileira de tênis de mesa: foi a primeira vez que a equipe feminina (eliminada nas oitavas de final) obteve um resultado superior ao da equipe masculina (eliminada na rodada dos 32 países restantes). As jogadoras Bruna Takahashi, Giulia Takahashi e Bruna Alexandre foram as responsáveis pela campanha inédita, tendo derrotado países com tradição na modalidade, tais como a Hungria. Eliminadas nas oitavas de final pela forte equipe da Coreia do Sul, as brasileiras tiveram o melhor desempenho da história do tênis de mesa brasileiro na competição (AYRES, 2024). Se considerarmos o passado da modalidade no Brasil, o resultado das nossas representantes em Busan consistiu numa grande façanha.

O Brasil participou pela primeira vez do Campeonato Mundial em 1949, na cidade de Estocolmo, tendo sido representado por uma equipe masculina (CBTM, 2024). Já a primeira participação feminina data de 1952, quando apenas uma mulher, a paulista Lourdes Garcia, juntou-se a outros quatro homens para compor a delegação nacional e disputar as categorias individual, duplas (ao lado de uma estrangeira) e duplas mistas (ALMEIDA; YOKOTA, 2022). Embora três anos tenham separado um episódio do outro, não nos deixemos enganar: a trajetória das mulheres no tênis de mesa brasileiro é marcada por inúmeros episódios de descaso. Elas estiveram ausentes em treze edições do Campeonato Mundial: 1949 (Suécia), 1950 (Hungria), 1951 (Áustria), 1953 (Romênia), 1954 (Inglaterra), 1955 (Noruega), 1957 (Suécia), 1959 (Alemanha), 1961 (China), 1971 (Japão), 1983 (Japão), 2004 (Qatar) e 2005 (China). Mesmo após a estreia de Lourdes Garcia, apenas homens continuaram disputando a competição de equipes até 1963, quando as mulheres puderam representar o Brasil pela primeira vez nessa categoria. A histórica delegação viajou à Tchecoslováquia com Nackma Cruz, Bartira Costa, Emiko Takakatsu e Edith D'avila (MARINOVIC; IIZUKA; NAGAOKA, 2006).





A falta de oportunidades no Campeonato Mundial, similar ao ocorrido em outras competições regionais da América Latina, certamente impactou o desempenho de diferentes gerações de jogadoras brasileiras, as quais seguem lidando com a desigualdade de gênero na modalidade — segundo uma pesquisa que analisou as carreiras esportivas de homens e mulheres no alto rendimento, elas possuem grandes desvantagens profissionais na maioria dos critérios avaliados (YOKOTA et al., 2021). Não sendo fruto do acaso, o mundo como enxergamos hoje foi construído socialmente, logo, o estudo da sua história favorece uma melhor interpretação das condições que nos cercam (MELO, 1999). No caso da modalidade em questão, há muitas lacunas a serem preenchidas, sobretudo no que se refere ao tênis de mesa feminino, esquecido pelos documentos e registros oficiais em detrimento do tênis de mesa masculino.

Diante dessas evidências, o intuito deste trabalho é estruturar o passado do tênis de mesa feminino durante a primeira metade do século XX, debruçando-se especificamente sobre a cidade do Rio de Janeiro, que mobilizou importantes formas de sociabilidade na época, tais como os esportes modernos, gradualmente espalhados pelo restante do território nacional (SEVCENKO, 1992). Assim foi com o tênis de mesa, pois ao lado de São Paulo, a capital da República esteve por trás do seu desenvolvimento e popularização no Brasil, processos nos quais muitas mulheres foram impedidas de aderir à modalidade ou tiveram seus feitos silenciados pelo discurso oficial — evidentemente, não se tratava de uma exclusividade do tênis de mesa, mas, sim, da construção do campo esportivo de modo geral, pensado para ser uma instituição essencialmente masculina. Ademais, a cidade do Rio de Janeiro foi protagonista da aprovação das regras internacionais e oficialização do tênis de mesa perante a CBD (CBTM, 2024), ponto de partida para a organização dos primeiros campeonatos de abrangência nacional com a participação das mulheres. Trata-se, portanto, de um trabalho de caráter historiográfico, de abordagem qualitativa e exploratória com discussões norteadas pela literatura pertinente ao tema, aliada a análises documentais em jornais da época, cujos acervos encontram-se disponíveis no website da Hemeroteca Digital. Os periódicos investigados foram *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Jornal dos Sports*, *Jornal do Brasil*, *Esporte Ilustrado* e *Globo Sportivo*, aqueles que mais registraram ocorrências sobre a modalidade em suas seções esportivas. Já as palavras-chave utilizadas para a busca consistiram em: "tênis de mesa feminino"; "pingue-pongue feminino"; "tênis de mesa"; "pingue-pongue" e "Federação Metropolitana de Tênis de Mesa". Ao vasculhar a trajetória das jogadoras cariocas na modalidade, espera-se não apenas





registrar os nomes, clubes e conquistas dessas pioneiras, como também provocar reflexões acerca das informações encontradas, muitas das quais ainda ecoam nos dias atuais.

O TÊNIS DE MESA FEMININO CAMINHA A PASSOS CURTOS NO RIO DE JANEIRO... (1902 A 1929)

O tênis de mesa desembarcou primeiro na cidade de São Paulo, em 1902, tendo sido cultivado pelos endinheirados que buscavam passatempos modernos (ALMEIDA; YOKOTA, 2023). À época, o esporte era chamado de pingue-pongue, e a palavra “tênis de mesa” foi adotada apenas a partir da década de 1940, quando iniciou-se uma grande campanha em prol da adoção das regras internacionais e oficialização da modalidade perante a CBD — para evitar confusões, neste trabalho o esporte será sempre mencionada pelo nome atual. Durante os dois primeiros decênios do século XX, já havia entidades regulamentadoras por lá, mas somente homens podiam disputar as suas competições. A participação feminina em campeonatos abertos não era sequer cogitada, de modo que as únicas referências encontradas sobre as mulheres estavam relacionadas a circunstâncias fechadas e bem restritivas. Nessas ocasiões, o tênis de mesa era um sinônimo de elegância às suas adeptas, que buscavam se distinguir pelos passatempos em voga na Europa, o continente modelo para as nossas elites dirigentes (ALMEIDA; YOKOTA, 2022). Também em 1902, o tênis de mesa chega à capital da República, onde seguiu uma trajetória com menos avanços, mais voltada a contextos recreativos do que competitivos. Não há registros sobre mulheres praticantes da modalidade até a década de 1920, período em que transformações socioculturais parecem ter contribuído para uma maior adesão do tênis de mesa no Rio de Janeiro.

Um turbilhão de novidades chegou cariocas naqueles “anos loucos”, de modo que a sociedade se viu impactada pelo ímpeto de uma já conhecida força propulsora: o desejo de modernização. Apesar de ditar os rumos das principais capitais brasileiras desde o último quartel do século XIX, a partir de 1920 tal aspiração tomou proporções inéditas. Sobre o período, nos diz Soares:

A velocidade seduz e dita novos gestos e comportamentos em que carros disputam o espaço das ruas com carroças, cavalos, bondes e pedestres. Essas máquinas enchem a cidade de barulho e de fumaça, mas, aos olhos da época, afirmavam os ares de uma metrópole. Parece que o espírito dos anos loucos invade corações e mentes e que hábitos europeus são mesmo incorporados por uma elite endinheirada que passa férias em Paris ou Londres e busca formas de convívio comuns a essas capitais europeias. São cafés, teatros,





cinemas, restaurantes, saraus literários e audições musicais que encantam e se tornam uma necessidade (SOARES, 2011, p. 36).

Foi também durante o período que as práticas esportivas e clubes voltados a esses fins tornaram-se muito populares. Vestimentas atléticas passaram a ser bem vistas, assim como as rotinas preenchidas por atividades físicas, transformadas em sinônimos de saúde. Os corpos, cada vez mais expostos, revelam e afirmam uma cultura física em ascensão, onde valoriza-se cada vez mais as aparências nas exibições e performances atléticas, parte do imaginário das grandes cidades naquele momento (SOARES, 2011). Os esportes de modo geral passaram a ditar o comportamento da sociedade brasileira, algo que se expressava pela moda, pelos programas de finais de semana, pelos novos padrões de beleza ou pelos meios de imprensa. As mulheres, excluídas na maioria das ocasiões, eram abertamente aceitas no campo esportivo apenas quando cumpriam o papel de “enfeitar” as fileiras dos espetáculos (SOARES, 2011). Não à toa, à medida que o tênis de mesa competitivo crescia no Rio de Janeiro, as menções sobre as mulheres continuavam sendo praticamente inexistentes. Em 1925, uma das poucas notícias que mencionou timidamente o assunto tratava da partida desempate entre o Helios e o São Paulo Rio, equipes compostas de “ping-pong players completos e em perfeita forma”, “adversários dignos um do outro” (O PROXIMO, 1925). A única mulher citada foi a ilustre Sta. Maria José Coimbra, torcedora de honra do Helios. Carinhosamente apelidada de “Zezé”, ela foi convidada para servir de madrinha das duas turmas envolvidas na ocasião. Esse tipo de episódio era recorrente na época, onde as mulheres costumavam figurar como participantes passivas dos espetáculos esportivos, tendo como função social a de embelezar o espetáculo (MELO, 2022). Conforme vimos, elas eram bem vistas e até incentivadas a marcar presença enquanto torcedoras que, do lado de fora, apoiavam emocionalmente as disputas entre os homens.

Quanto menos competitivo o contexto, maior a chance das mulheres tomarem parte, ocasiões valorizadas pelos próprios homens por caracterizarem momentos de lazer refinado, com sociabilidade restrita e equipamentos importados (SCHPUN, 1999). O tênis de mesa cumpria, portanto, com o papel de reafirmar a classe das suas adeptas, isto é, um divertimento fino para as moças da elite, socialmente aceito apenas nessas ocasiões especiais. Por outro lado, quando se tratava das ocasiões que compreendiam mais regras, disciplina, treino e “espírito de competição”, a divisão de papéis entre homens e mulheres era um imperativo (SCHPUN, 1999).





Somente em 1927 há indícios de que algumas mulheres praticavam efetivamente o tênis de mesa no Rio de Janeiro. Naquele ano, o diretor esportivo do Atlântico Sport Club convidou publicamente todos os associados a tomarem parte nos treinamentos intensivos da modalidade. O diferencial é que lá existia uma "turma de moças", formada pelas jogadoras Odilla, Odete e Constancinha (O QUE, 1927). Não foi possível encontrar nenhuma outra menção desse tipo nos jornais consultados, mas pode-se imaginar que algumas mulheres de outros clubes associativos também praticavam a modalidade, especialmente por trás dos bastidores.

NOVAS MANIFESTAÇÕES, MAS OS LIMITES PERMANECEM (1930 A 1939)

A década de 1930 consagrou o início de um movimento voltado à esportivização feminina nos grandes centros urbanos do Brasil, com protagonismo das capitais paulista e carioca. Por trás disso, uma série de fatores impactaram direta ou indiretamente a participação social das mulheres: o desenvolvimento industrial e o surgimento de novas tecnologias, a urbanização e a mão de obra imigrante, além do fortalecimento do Estado e das manifestações operárias e grevistas, as quais resultaram em novas demandas (TOFFOLI; ARRUDA, 2011), tais como o sufrágio feminino, garantido pelo Código Eleitoral de 1932. Um acontecimento marcante foi a estreia de uma representante brasileira nos Jogos Olímpicos de Verão: na edição de 1932, sediada em Los Angeles, a nadadora paulista Maria Lenk foi uma pioneira em tempos onde as mulheres costumavam prestar assistência ao invés de competirem em campeonatos oficiais (GOELLNER, 2006).

Embora materializadas, todas essas conquistas se deram em momentos conturbados, posto que, corroboradas por argumentos supostamente biológicos, pseudociências seguiam restringindo o envolvimento da figura feminina em muitas práticas esportivas. Ainda que àquela altura certas atividades físicas fossem incentivadas para as mulheres, todas precisavam seguir a cartilha dos papéis sociais que rondavam o "sexo frágil". Portanto, para grande parte da população brasileira os esportes não deveriam ser praticados em caráter competitivo pelas mulheres, visto que disputas sérias trariam efeitos "danosos" ao organismo, como a fadiga excessiva (ARAUJO, 2011). Além disso, acreditava-se que tais situações seriam supostamente incompatíveis com a estrutura psicológica das envolvidas, pois não remetiam ao recato, à fragilidade, à delicadeza e à instabilidade emocional, características estas consideradas essencialmente femininas (ARAUJO, 2011). Sendo assim, coexistiam valores





conservadores e revolucionários nos grandes centros urbanos do Brasil, algo que legitimava o já instituído, mas também incentivava a experimentação de novas possibilidades culturais para as mulheres, inclusive no campo esportivo (GOELLNER, 2003). É a partir desse ponto de vista que buscamos entender o lugar ocupado pelas mulheres no tênis de mesa carioca.

Se em São Paulo a prática feminina do tênis de mesa já era uma realidade em clubes elitizados e, posteriormente, nos círculos universitários (ALMEIDA; YOKOTA, 2022), o mesmo não ocorreria no Rio de Janeiro. Na capital da República os avanços pareciam mais vagarosos, com um cenário onde havia menor possibilidade de experiências para as mulheres. Seguiam sendo raras as menções sobre jogadoras da modalidade, pressupõe-se, por menor identificação com as suas características ou por maior resistência por parte da elite carioca. De todo modo, um dos primeiros clubes a promover disputas para ambos os sexos na capital da República tinha um perfil muito parecido com os pioneiros da capital paulista. Em 1931, o Gávea Sport Club preencheu algumas vagas pendentes do seu setor esportivo. Entre as pessoas selecionadas, cabe destacar que uma mulher seria escolhida como capitã geral do tênis de mesa, cargo equivalente ao de diretora da modalidade dentro da hierarquia interna da agremiação. O jornal *O Globo* viu isso como uma "iniciativa feliz e digna de elogios", pois contribuiria para formação de turmas femininas de tênis de mesa, até então inexistentes (PING-PONG, 1931). Curiosamente, o nome da "senhorita" que estava prestes a ocupar o referido cargo não foi sequer mencionado. Como era de se esperar, dois meses depois o Gávea Sport Club divulgava o seu primeiro campeonato interno com categorias para homens e mulheres: as disputas seriam nos formatos individual masculino e feminino, duplas masculina e feminina, e duplas mistas (AS INSCRIÇÕES, 1931). Foi uma das únicas agremiações a promover e divulgar campeonatos do tipo nos anos 1930, algo que só se materializou depois de uma mulher ocupar um posto de direção esportiva. Tratava-se de um clube elitizado e conhecido pela atuação no tênis de campo, algo que explica, tal como em São Paulo, possíveis influências culturais e de classe por trás da participação feminina enquanto jogadoras, afinal essa modalidade tinha como particularidade a tradição em manter uma intensa participação de mulheres (MELO, 2021).

Mais adiante, uma iniciativa curiosa e um tanto quanto contraditória foi divulgada pelo *Jornal do Brasil*, em 1933. Segundo a notícia, o Grêmio P. Leopoldina estava por organizar um grandioso festival de confraternização interclubes, cujo intuito era homenagear as suas associadas (PING-PONG, 1933). Na programação, constavam cinco provas de tênis de mesa,





cada uma delas simbolizando uma mulher diferente: as senhoritas Edmea Ramos, Maria Callil, Zuleica Ramos, Neuza Piz e Maria Lae Chaves. Foram convidados os seguintes clubes: Alvacelli F.C., Combinado Gonzaga Duarte, Combinado Última Hora, Hellenico A.C., Éden A.C., Ramos F.C., S.C. Chevalier, S.C. Aracaty e Amantes da Arte Club. Apenas nomes masculinos são colocados em destaque pela notícia, tais como o de Brasil Carvalho que discursaria para saudar todos os jogadores e clubes participantes, e o de Eduardo Magalhães, sócio fundador do Grêmio P. Leopoldina. É de pelo menos se estranhar que, num festival em homenagem às associadas de uma agremiação, nenhuma mulher estava escalada para disputar as partidas de tênis de mesa que constavam na programação. Aliás, todo o cronograma oficial, o qual também incluía outras modalidades esportivas, seria protagonizado por homens. Como de costume, as mulheres poderiam estar presentes nos assentos da torcida, com a principal função de darem assistência aos homens.

Cumprir dizer que, durante a década de 1930, a cidade do Rio de Janeiro contava com uma presença significativa de intelectuais comprometidos com a construção de uma reforma mais ampla da sociedade pautada pela modernidade, que residia também nas reformas de hábitos, como a higiene e a educação do corpo (JUNIOR; SILVA, 2016). Um dos principais alvos dessa reforma era a população mais jovem, reunida nas instituições de ensino. É importante destacar que os diferentes papéis sociais empregados aos gêneros podiam ser avistados por toda parte, mas um dos maiores problemas residia na educação. De modo geral, era socialmente aceito que as mulheres tivessem um aprendizado diferente dos homens, isto é, mais limitado e voltado ao recato de seus lares, onde deveriam permanecer dedicadas à maternidade. Um exemplo era o Instituto La-Fayette, tradicional escola para crianças e adolescentes da elite carioca criada em 1916, onde havia cursos técnicos com trabalhos de oficina e laboratório em química industrial, mecânica e eletricidade prática para os rapazes, enquanto para as moças havia os cursos de datilografia e estenografia. Diante dos referidos componentes curriculares influenciados pelo sexismo da época, pode-se imaginar que a prática esportiva era pouco estimulada às alunas do Instituto La-Fayette. No entanto, surpreende que o seu departamento feminino, localizado à Rua Conde de Bonfim, na Tijuca, tenha se mostrado um grande incentivador do tema.

Em 1935, a maior prova disso foi a inauguração de um ginásio de cultura física com características à frente da época para o público feminino (PING-PONG, 1935). Tal construção obedecia aos mais rigorosos critérios da moderna arquitetura escolar para os esportes





educativos, com três pavimentos: no primeiro, um campo de voleibol e basquete, com dimensões oficiais e espaço lateral para assistência, um palco e instalações sanitárias, banheiros, lavatórios e bebedouros higiênicos; no segundo, dois vestiários e uma galeria que se estende em toda a extensão do prédio, destinada ao tênis de mesa e a toda variedade de jogos de salão; no terceiro acha-se um vasto terraço, com dois campos de voleibol e paredes para pelota, servindo ainda para patinação. T tamanha empreitada do “conhecido e conceituado educandário” era digna de “todos os aplausos”, pois visava aperfeiçoar e ministrar a cultura física à “infância e à mocidade de nossa pátria” (PING-PONG, 1935).

A partir da segunda metade da década, as menções às mulheres envolvidas com o tênis de mesa carioca diminuíram ainda mais. O Rio de Janeiro tinha dificuldades em consolidar uma entidade regulamentadora, de modo que os principais campeonatos eram promovidos de maneira individualizada por agremiações particulares, como por exemplo o Clube Ginástico Português. Tais ocasiões, as quais podem ser consideradas as atividades do tênis de mesa organizado na cidade carioca, não dispunham de nenhuma categoria feminina. Sendo assim, da mesma forma como em São Paulo, as mulheres eram alijadas da prática competitiva, de modo que sempre marcavam presença nos principais campeonatos como apoiadoras dos competidores, mas nunca como jogadoras. A grande diferença é que na capital paulista a participação feminina, ainda que marcadamente em ocasiões restritas e elitizadas, se deu em maior peso e seriedade. Para tanto, contou com o meio universitário enquanto grande incentivador, algo que não ocorreu na capital da República.

Ao compararmos os dois centros urbanos, nota-se como em São Paulo estava sendo maturado um grupo de mulheres que queria treinar semanalmente, competir e ganhar medalhas no tênis de mesa organizado (ALMEIDA; YOKOTA, 2022), enquanto no Rio de Janeiro o cenário era mais obsoleto, exclusivamente voltada a um envolvimento de caráter pontual, recreativo e, quando muito, educativo. Em partes, o descompasso entre ambos, agravado ainda mais com o passar dos anos, pode ser explicado pelo esfriamento do tênis de mesa na cidade carioca.

ENFIM, AS PRIMEIRAS COMPETIÇÕES ESTADUAIS (1940 a 1949)

Na virada da década de 40, após um esfriamento nos círculos esportivos, o tênis de mesa ressurgiu no Rio de Janeiro e voltou a figurar com destaque nos jornais da época graças ao apoio de novos clubes e dirigentes, empenhados na oficialização da modalidade





perante a CBD. A maior expressão das mudanças em curso foi o primeiro campeonato com as regras internacionais no Rio de Janeiro, por intermédio do *Jornal dos Sports*, com categorias abertas a homens e mulheres. Antes excluídas dos campeonatos estaduais, agora elas emergem como provas do sucesso que vinha alcançando o tênis de mesa. Nesse sentido, para o próprio *Jornal dos Sports*, uma das razões por trás do interesse despertado pelo novo formato era que “as moças da nossa melhor sociedade a ele aderiram com alegria” (TORNEIO, 1941).



Um dos raros registros do tênis de mesa feminina publicado nos jornais da época. Trata-se da turma de mulheres do Clube Ginástico Português, veterana agremiação que voltava a apoiar a modalidade no início da década de 1940.

Jornal dos Sports, 11 de julho de 1941.

Dada a repercussão que gerou, a competição com as regras internacionais foi patrocinada por figuras como Edmundo Fortes, proprietário da Casa Fortes localizada à Praça Tiradentes, e Raul Campos, benemérito do Vasco da Gama e proprietário da Casa *Superball* localizada à rua dos Ourives (PING-PONG, 1941). Findas as disputas, coube à Beatriz Chaves o título da categoria feminina. Posteriormente, o torneio do *Jornal dos Sports* estimulou uma série de iniciativas, fazendo com que o Vasco da Gama, o Tijuca Tênis Clube e o América F.C. criassem departamentos femininos específicos para a modalidade.

O cenário poderia parecer animador em comparação com as décadas anteriores, mas retrocessos de toda ordem não deixam dúvidas acerca da manutenção de uma sociedade profundamente desigual aos homens e às mulheres, algo marcante no campo esportivo. Basta evocar o Decreto Lei nº 3.199 de 1941 para atestar como, se por um lado parecia representar





uma conquista para a regulamentação esportiva do Brasil, por outro foi a institucionalização da censura à participação feminina em determinadas modalidades, consideradas incompatíveis com a sua "natureza". O tênis de mesa, graças às suas características socialmente aceitas na época, não figurava entre as proibições do Estado às mulheres, tendo sido inclusive incentivado em contextos recreativos por periódicos como *O Globo* (TENIS, 1942). Ainda assim, também seria influenciado pelas crenças, valores e discursos em voga naquele momento, os quais não escondiam representações preconceituosas acerca da presença feminina nos contextos competitivos.

As diferentes experiências para homens e mulheres no tênis de mesa carioca

Embora gradualmente passassem a dividir os mesmos espaços enquanto competidores, homens e mulheres seguiam regras e códigos de comportamento diferenciados no tênis de mesa. Isso pode ser observado a partir de três aspectos que serão discutidos nas próximas linhas: as recomendações de vestimenta, as premiações das competições, e a abordagem da imprensa ao noticiar o desfecho das disputas femininas na capital da República.

Sobre o primeiro aspecto, em 1942 o presidente da recém-criada Federação Metropolitana de Tênis de Mesa, Djalma de Vincenzi, teceu considerações no *Jornal dos Sports* acerca dos uniformes que julgava ideais à prática da modalidade:

[...] como é facilmente compreensível, o tênis de mesa é praticado muito em comum com o público assistente e os jogos realizados a noite, pedindo pois, um uniforme condizente com esses dois pontos principais.

O calção que hoje está generalizado no tênis de quadra, não se compreenderia no tênis de mesa, o que tornaria exótico dado a proximidade em que ficam os praticantes com o público assistente, dentro do salão.

O mesmo acontece com o uniforme feminino, o calção-mirim, usado para o atletismo ou basquetebol, não condiz com o tênis de mesa, que requer o calção longo, ou a saia calça, realmente o mais condizente com a perfeita ética que tanto elevam no mundo das modas femininas, o bom gosto das nossas graciosas patricias.

O Brasil deve se orgulhar do renome e prestígio em que as suas modas masculina e feminina já atingiram na própria América do Norte. Dentro da ética brasileira, dosemos os uniformes para o tênis de mesa, um esporte em que o praticante está junto da própria assistência, em comum dentro do salão.

Nota-se como, para De Vincenzi, a vestimenta deveria ser guiada por princípios éticos. De modo geral, a proximidade espacial entre os praticantes e o público espectador é tida como uma motivação para substituir os calções curtos por opções mais longas, evitando, assim, situações constrangedoras. Cabe destacar que o estilo de vida esportivo estava





diretamente relacionado à indústria da moda, cujos modelos de roupas, bem como seus usos na vida cotidiana, evidenciaram uma cultura física bastante influenciada pelo gênero (SOARES, 2011). É por isso que não são feitas sugestões explícitas aos homens praticantes do tênis de mesa, enquanto às “nossas graciosas patrícias” são listadas o calção longo ou a saia calça enquanto opções mais comedidas para a prática feminina.

Outra forma de atestar diferentes tratamentos aos gêneros no cenário competitivo da modalidade se dá a partir da especificidade das premiações oferecidas nos campeonatos. No primeiro evento aberto à participação feminina com as regras internacionais, as recompensas para as melhores colocadas eram, além de medalhas e taças, itens associados à manutenção da beleza de suas participantes, tais como estojos de maquiagem da perfumaria “Noite de Amor” (O AGRADECIMENTO, 1942), bem como baton, rouge e pó de arroz da marca Vane Ess (TORNEIO, 1942). O tênis de mesa não deixa de ser, nesse sentido, uma prática esportiva disciplinadora, pois mesmo nos contextos competitivos são reforçados os papéis sociais impostos às mulheres, sublinhando uma preocupação cada vez maior com os padrões estéticos que delas exigia-se (SOARES, 2011).

Sobre a abordagem da imprensa ao noticiar o desfecho das disputas femininas, não raras vezes fazia-se menção à falta de equilíbrio psicológico das jogadoras. Embora tal fato fosse determinante para qualquer pessoa que se engajasse com o tênis de mesa, o preconceito é explicitado pela abordagem dos periódicos, com adjetivos e ênfases que refletem diferentes construções sociais acerca do homem e da mulher no esporte competitivo. O homem, quando derrotado em um torneio, não estava no seu melhor dia, ou simplesmente não havia conseguido desempenhar o seu melhor jogo, sem muitas justificativas por parte dos periódicos. A mulher, por sua vez, quando encontra-se com a derrota é rapidamente associada à falta de controle emocional, principal causa para o mau desempenho dentro das mesas.

Um exemplo do tipo se deu em 1942, durante um novo torneio organizado pelo *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro. Se por um lado o periódico prestava uma importante contribuição ao promover certames femininos, por outro lado deixava subentendido em suas linhas a preferência pelas disputas masculinas. Quando Orbelina Olivieri derrotou Dinah Figueiredo na ocasião, não há quaisquer apontamentos sobre os méritos da primeira, mas, sim, sobre a “pouca calma” da segunda (CAMPEÃ, 1942). Anos mais tarde, o mesmo periódico insiste em associar características pejorativas à Dinah Figueiredo, que, quando superada por Orsina Olivieri — irmã de Orbelina — num torneio de curta duração da FMTM (Federação





Metropolitana de Tênis de Mesa, fundada em 1941), “apresentou-se muito nervosa”, não podendo por esse motivo desempenhar de maneira satisfatória (TENNIS, 1946). Diferentemente do que ocorria com as disputas masculinas, raramente eram feitos comentários técnicos ou discussões aprofundadas sobre as qualidades das jogadoras nas disputas femininas.

Para além dos três aspectos abordados acima, cumpre lembrar que os homens eram a maioria esmagadora nos cargos de arbitragem, de organização da competição e de dirigência da modalidade. Sendo assim, tal como nas décadas anteriores, tinha-se um cenário que continuava dominado pela figura masculina, tanto materialmente quanto simbolicamente. A partir das notícias da época é evidente como mesclava-se discursos favoráveis ao tênis de mesa feminino com o desinteresse na hora de, efetivamente, empenhar-se em prol da sua difusão. O próprio Djalma de Vincenzi considerava o tênis de mesa ideal para ambos os sexos, opinião contraditória se levarmos em conta que a FMTM, a qual ele dirigia em 1942, mantinha o “setor feminino paralisado, sem motivo justo”, conforme denunciava o *Jornal dos Sports* (E O TENNIS, 1942). No Rio de Janeiro, ao longo de toda a década, registros do tipo vão intercalarse com algumas tímidas iniciativas por parte da FMTM, as quais não escondiam o descaso para com as mulheres. Há registros nas notícias da época sobre o interrompimento do calendário do tênis de mesa feminino entre 1944 a 1946 (NOTICIÁRIO, 1946), bem como entre 1948 a 1949 (SELEÇÃO, 1949). De um intervalo ao outro, breves demonstrações de apoio à causa são sempre descontinuadas e retomadas, indicando longos períodos de inatividade.

Lygia Lessa Bastos e a sua importância para o esporte feminino do Rio de Janeiro

Feitas estas considerações, as quais apenas ressaltam a existência de limites bem delineados às mulheres no campo esportivo da época, é preciso recordar que ainda assim diversas modalidades seduziam e desafiavam muitas delas, fazendo com que aderissem à competitividade em contraposição ao discurso hegemônico da interdição (GOELLNER, 2006). No caso do tênis de mesa, embora lhes faltasse o devido reconhecimento na imprensa, houve personalidades importantíssimas para a conquista de maior protagonismo na modalidade, bem como para o desenvolvimento desta.

Nesse sentido, uma figura ímpar foi Lygia Lessa Bastos, professora de educação física da prefeitura do Rio de Janeiro, multi atleta e dirigente esportiva que, excepcionalmente, era muito elogiada pela imprensa. Ela tomou conhecimento do tênis de mesa quando ainda





era diretora do Departamento Feminino do C. R. Vasco da Gama. Em 1942, migrou para as fileiras do Tijuca Tênis Clube, mostrando-se favorável à “vitória do salutar esporte de salão”, que, segundo ela, deveria ser olhado com simpatia pelas diretorias dos grandes clubes cariocas, não só pelos benefícios que proporcionava como verdadeira modalidade, mas também pela fácil difusão entre mulheres de todas as idades (A SENHORINHA, 1942). Na nova agremiação, onde também ocupou cargos de direção, foi pioneira na introdução do voleibol, do basquete, do tênis de mesa e do atletismo femininos.

Apesar de não se dedicar exclusivamente ao tênis de mesa, Lygia era uma das melhores jogadoras do Rio de Janeiro, tendo inclusive conquistado o campeonato de 1942 organizado pelo *Jornal dos Sports*, em sua homenagem. Entre as 40 participantes inscritas, o seu estilo de jogo descrito como “inteligente” terminou vitorioso. Tida como uma administradora de mérito pelos periódicos da época, também soube utilizar tamanha inteligência para brilhar enquanto dirigente esportiva. Segundo as próprias palavras, a atuação nas modalidades em que se envolvia eram inspiradas “apenas pelo desejo de cooperar no desenvolvimento da educação física feminina” (O AGRADECIMENTO, 1942). Foi assim que formou inúmeras atletas, promoveu competições, incentivou a difusão de diferentes modalidades e inspirou esportistas dos principais clubes cariocas. No tênis de mesa, ela foi muito importante para as conquistas obtidas pelo Tijuca T.C. durante as competições femininas organizadas pela FMTM. Em 1943, inclusive, chefiou as adeptas do tênis de mesa que representaram o clube no festival esportivo de comemorações natalícias do presidente Getúlio Vargas, realizado na cidade mineira de Cambuquira (NOTÍCIAS, 1943).

Em 1947, filiada à UDN (União Democrática Nacional), partido conservador de oposição ao getulismo, Lygia foi eleita vereadora aos vinte e quatro anos de idade pelo então Distrito Federal — àquela altura, ela continuava disputando competições oficiais de tênis de mesa (TENNIS, 1947). Exercendo o primeiro dos dez mandatos legislativos que teria pela frente em sua trajetória política, em 1948 Lygia conseguiu uma subvenção da prefeitura para a FMTM, tendo sido uma importante aliada da entidade na câmara dos vereadores do Rio de Janeiro (TÊNIS, 1948).

Outras vozes desafiavam a estrutura social machista da época, como a já mencionada Dinah Figueiredo. Desde o início da década, ela era figura carimbada nas atividades destinadas ao tênis de mesa feminino do Rio de Janeiro. Embora se deparasse com obstáculos por vezes desanimadores, tais como as notícias que realçavam o seu suposto





descontrole emocional, ou ainda a ausência de competições promovidas pela FMTM, Dinah Figueiredo conquistou com o seu tênis de mesa a simpatia dos meios esportistas da Capital da República. Em 1945, já havia ultrapassado Lygia e era considerada a melhor jogadora da cidade, tendo arregimentado uma legião de fãs. Frente ao reconhecimento obtido, os periódicos foram obrigados a mudar de tom, passando a finalmente destacar os seus méritos atléticos. De acordo com o *Jornal dos Sports*, a jogadora possuía um “jogo vistoso de cortadas violentas”, tão impressionante que lhe rendia convites para realizar partidas de exibições, como quando fez a alegria dos seus admiradores na Associação Recreativa dos Funcionários do Banco Hipotecário de Minas (UM GRANDE, 1945). O episódio foi divulgado com entusiasmo, pois a “festejada campeã foi aplaudida pelas magníficas jogadas que proporcionou aos fãs, sendo muito cumprimentada no final das partidas” (TENNIS, 1945). Anos mais tarde, representando o Clube Municipal, ela conquistaria ainda a categoria principal do primeiro campeonato feminino aberto a todas as classes da FMTM, um dos raros episódios divulgados integralmente pela imprensa (O CERTAME, 1947). Na ocasião, a vencedora da segunda classe foi Eveline Muskat, do C.R. Flamengo, enquanto o título da terceira classe coube a Sonia Recker da Nóbrega, também do Clube Municipal. Vale dizer que as três jogadoras foram premiadas com troféus que homenageavam homens.

A estreia em competições nacionais e internacionais

Durante o segundo semestre de 1946, Djalma de Vincenzi, membro do Conselho Técnico de Desportos Diversos da CBD, conseguiu convencer o alto escalão da entidade a promover aquele que seria o primeiro campeonato brasileiro de tênis de mesa. Os seus méritos foram reconhecidos pelo Correio Paulistano, segundo o qual o tijucano era um “incansável batalhador das nobres causas”, pois não poupava “todos os esforços no sentido de ampliar as atividades da nobilitante especialidade” do tênis de mesa pelo Brasil (TENIS, 1946).

De acordo com o estatuto da CBD, só poderiam tomar parte no evento as federações que estivessem devidamente filiadas à entidade máxima, e que tivessem promovido campeonatos regionais de tênis de mesa no ano anterior. Por esses motivos, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia não estavam habilitados a inscrever-se, ainda que tenham demonstrado interesse. Apenas três federações enquadravam-se nos regulamentos da CBD: a Federação Paulista de Tênis de Mesa, a Federação Fluminense de Esportes e a Federação Metropolitana de Tênis de Mesa. Estas tomaram parte no primeiro campeonato brasileiro da





modalidade, realizado durante as noites dos dias 15, 16 e 17 de novembro, no ginásio do Fluminense F.C., bairro das Laranjeiras

Inicialmente demonstrou-se o interesse em realizar uma competição para homens e mulheres, no entanto apenas a FMTM submeteu inscrições de representantes femininas (ALMEIDA; YOKOTA, 2022). Dinah Figueiredo, Orsina Olivieri, Orbelina Olivieir, Vanda do Couto e Mariazinha da Nova conquistaram o direito de representar o Distrito Federal (TENNIS, 1946), mas, dada a situação de descaso nas demais unidades federativas, elas realizaram apenas partidas de exibição no transcorrer do evento (HOJE, 1946). Segundo Djalma, tratava-se do primeiro campeonato brasileiro “de uma série que virá depois” (CBD, 1946, p. 3), portanto esperava-se que, com maior empenho das demais federações estaduais, seria possível incluir categorias femininas em edições futuras. No entanto, tal como na edição anterior, a FMTM foi a única federação estadual a inscrever mulheres para o campeonato brasileiro de 1948, de modo que houve apenas partidas de exibição entre as jogadoras cariocas (DE VINCENZI, 1948). O curioso é que São Paulo, que possuía praticantes ativas e sediou o evento, mais uma vez não enviou nenhuma equipe feminina (ALMEIDA; YOKOTA, 2022). As informações sobre esses episódios são escassas, pois a imprensa da época sequer mencionou o nome das jogadoras participantes da ocasião.

No ano seguinte, em 1947, outra novidade foi a estreia da seleção brasileiro no Campeonato Sul-Americano de Tênis de Mesa (VINHAS; AZEVEDO, 2006). No congresso técnico daquela competição, o dirigente Djalma de Vincenzi firmou o ousado compromisso de que o Brasil sediaria a próxima edição, no ano de 1949, com a estreia oficial de categorias femininas (TENNIS, 1947). As seletivas classificatórias ocorreram simultaneamente na capital da República e na capital paulista. Os nomes mais destacados da época foram convocados a medir forças pelos presidentes das federações estaduais, tendo se classificado Lourdes Garcia e Corina Teixeira de Magalhães da FPTM, e Dinah Figueiredo, Evelin Muskat, Maria da Nova, Sonia Nobrega, Orsina Olivieri, Orbelina Olivieri e Naméa Rangel da FMTM. Por ser o país sede, o Brasil tinha o direito de inscrever o dobro do número máximo de participantes permitidos. Seria a primeira oportunidade para as jogadoras brasileiras disputarem um evento com jogadoras estrangeiras. Negligenciadas pelas federações estaduais, já vimos como as mulheres adeptas do tênis de mesa competitivo enfrentavam uma série de dificuldades, tais como calendários frequentemente descontinuados, ausência de competições anuais, além de uma imprensa que reforçava preconceitos.





Segundo as notícias da época, foi designada até mesmo uma comissão responsável pelos treinamentos da representação nacional, composta por Raul Brasil, Silvio Rangel, Francisco Boderone e Santo Lanza. Cumpre destacar as jogadoras cariocas Naméa Rangel, Eveline Muskat, Sonia Nobrega, Orbelina Olivieri, Mariazinha da Nova, Orsina Olivieri e Dinah Figueiredo, que prepararam-se com antecedência para a sua estreia internacional a fim de recuperar o ritmo perdido. Ocorre que, há tempos sem uma competição feminina organizada pela FMTM, muitas delas tinham se afastado da modalidade. Segundo o *Jornal dos Sports*, quando decidiram retomar os treinamentos graças ao sul-americano de 1949, as “representantes do belo sexo” estavam “completamente fora de forma” (SELEÇÃO, 1949). Outro periódico menciona que Dinah, a melhor jogadora do Rio de Janeiro, “reapareceu auspiciosamente”, assim como Naméa, após um “longo período de inatividade” (TENNIS, 1949). Tal abordagem da imprensa reforça a situação de descaso que as mulheres enfrentavam no tênis de mesa. Ainda assim, elas treinaram rigorosamente na sede do Grêmio Euclides da Cunha, por três meses consecutivos.

Quando enfim começou o tão esperado certame continental, às inéditas disputas femininas, como de costume, foi reservada uma cobertura desinteressada pela imprensa. Embora estivessem inscritas nove jogadoras brasileiras, os demais países participantes haviam trazido apenas duas jogadoras cada. Por esse motivo, foi definido entre os delegados no congresso técnico que o Brasil poderia ter duas representantes fixas durante todo o evento. As cariocas Dinah e Eveline foram as escolhidas, ficando de fora a jovem Lourdes Garcia, revelação do tênis de mesa paulista, então com dezenove anos de idade. Entre outras determinações para as categorias femininas, deve-se destacar também que o formato das disputas de equipes era reduzido, com menos partidas e sets em comparação às categorias masculinas.

Apesar das poucas informações sobre seu desempenho, sabe-se que Dinah e Eveline não conseguiram avançar às fases finais das categorias individual e duplas. Estas foram dominadas pelas chilenas Marta Zamora e Iris Verdugo, respectivamente campeã e vice-campeã individuais, além de serem a dupla vencedora após derrotar as argentinas na final. Já na categoria de equipes, Dinah e Eveline venceram o Paraguai por 3 a 0, mas perderam para a Argentina por 2 a 1 em uma partida acirrada, e para o Chile por 3 a 0 (EMPOLGANTE, 1949). Com esse resultado, conquistaram o terceiro lugar, o mesmo desempenho da equipe masculina em 1947, quando os nossos jogadores também haviam terminado com duas





derrotas e uma vitória. Novamente, Marta Zamora e Iris Verdugo derrotaram as argentinas na final da categoria de equipes, dando ao Chile o posto de campeão sul-americano absoluto nas disputas femininas (EMPOLGANTE, 1949). Não faltaram comentários sexistas acerca de Dinah e Eveline nos noticiários esportivos, segundo os quais as jogadoras brasileiras não haviam performado bem, provavelmente por conta do seu “nervosismo” (RANGEL, 1949). A mesma abordagem se repetiu ao tratar das duplas mistas, visto que os resultados inexpressivos das parcerias brasileiras eram creditados ao descontrole emocional das nossas jogadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou estruturar os primórdios do tênis de mesa feminino na cidade do Rio de Janeiro. Conforme se viu, a participação das mulheres ocorreu de maneira tardia na capital da República se comparada com o caso de São Paulo. Apenas na segunda metade da década de 1920 tem-se registros das primeiras adeptas da modalidade, com poucos avanços experienciados durante a década de 1930. Embora tenham existido entidades regulamentadoras que organizavam competições estaduais, nenhuma categoria destinada às mulheres foi instituída durante o período. Elas faziam-se presentes nesses contextos, mas tinham sua participação restrita aos assentos da torcida, condição esta destacada pelos jornais da época por ser considerada um atrativo para a assistência masculina.

Apenas na década de 1940, graças às campanhas de adesão das regras internacionais e oficialização do tênis de mesa perante a CBD, é que as mulheres passaram a ter maiores oportunidades no formato competitivo. Ainda assim, a impressão é que, para os dirigentes esportivos, a promoção da prática feminina era motivada mais pela conveniência do que pelo reconhecimento de uma causa verdadeiramente necessária. A participação das mulheres nas competições promovidas pela FMTM só parece ter sido evidenciada pelos jornais da época porque contribuía para a aceitação do tênis de mesa entre as famílias e os sócios dos grandes clubes (E O TENNIS, 1942). Isso não exclui, entretanto, o fato de que a década fez surgir as primeiras adeptas competitivas da modalidade, as quais puderam finalmente disputar as competições estaduais. Posteriormente, vieram as estreias em competições nacionais e internacionais, feitos que, conforme evidenciado neste trabalho, também se deram com muitas ressalvas e limites estabelecidos às mulheres. Evidentemente, ao tratarmos das adeptas do tênis de mesa feminino na época, estamos nos referindo a uma parcela privilegiada da sociedade carioca. Cumpre destacar o Tijuca Tênis Clube, agremiação importante para a





promoção dos esportes praticados pelas mulheres, que possuía um perfil elitizado de associados. Tal como em São Paulo, foram exemplos do tipo, destinados especialmente à prática do tênis de quadra, nos quais o tênis de mesa feminino mais prosperou.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o incipiente campo de estudos históricos do tênis de mesa, sobretudo no que se refere à trajetória das mulheres na modalidade. Mais do que trazer à tona os nomes de jogadoras, seus títulos e respectivos clubes, espera-se também que, a partir das informações descobertas, seja possível refletir sobre como, ainda hoje, o determinismo biológico e a suposta “natureza feminina” influenciam os meios de imprensa ou os diferentes agentes do campo esportivo. Entre os avanços conquistados nos últimos anos e os obstáculos que continuam prejudicando as mulheres na prática competitiva da modalidade, cabe o questionamento: não fosse o passado, marcado por circunstâncias como as descritas neste trabalho, quão diferente poderia ser a história do tênis de mesa feminino no Brasil?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marco Bettine; YOKOTA, Gustavo Kenzo. A chegada do tênis de mesa ao Brasil: origem e significados do ping-pong enquanto prática civilizada (1902-1909). **Revista brasileira de estudos do lazer**, v. 10, n. 1, p. 42-62, 2023.

_____. Os primórdios do tênis de mesa feminino em São Paulo (1902-1952). **Licere**, v. 25, n. 4, p. 106-136, 2023.

ARAÚJO, Sérgio Estevam Carlos. As mulheres e o esporte olímpico brasileiro entre as décadas de 1930 a 1960: as políticas públicas do esporte e da educação física. In: RUBIO, Katia (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011.

CBTM Brasil. Histórico do Brasil. **CBTM**, 2024. Disponível em: <<https://www.cbtm.org.br/conteudo/detalhe/3>>. Acesso em: 22 fev. de 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

MARINOVIC, Welber; IIZUKA, Cristina; NAGAOKA, Kelly Tiemi. **Tênis de mesa**: teoria e prática. São Paulo: Phorte, 2006.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva (2)**: diversificando as experiências esportivas. Rio





de Janeiro: 7Letras, 2022.

_____. Encontros nas quadras de grama: as mulheres e o tênis no Brasil do século XIX. **Revista estudos feministas**, v. 29, n. 2, p. 1-15, 2021.

_____. **História da educação física e do esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHPUN, Mônica. **Beleza em jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TOFFOLI, Aline; ARRUDA, Thiago. Desenvolvimento motor e cultura de movimento na formação da mulher atleta brasileira. In: RUBIO, Katia (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

UZORINAC, Zdenko. **ITTF 1926 - 2001**: Table tennis legends. International Table Tennis Federation, 2001. Disponível em: <<https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll23/id/202>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

VINHAS, Ivan; AZEVEDO, Alaor Gaspar Pinto. Tênis de mesa. In: DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006.

YOKOTA, Gustavo Kenzo e colaboradores. Desigualdade de gênero no tênis de mesa brasileiro de alto rendimento: primeiras aproximações. **The journal of the latin american socio-cultural studies of sport**, v. 13, n. 2, p. 16-31, 2021.

Dados do primeiro autor:

Email: gustavoyokota@usp.br

Endereço: Rua Porto Alegre, Vila Assunção, Santo André, SP, CEP: 09030-610, Brasil.

Recebido em: 24/02/2024

Aprovado em: 03/04/2024

Como citar este artigo:

YOKOTA, Gustavo Kenzo. Os primeiros passos do tênis de mesa feminino na cidade do Rio de Janeiro (1902-1949). **Corpoconsciência**, v. 28, e.17176, p. 1-20, 2024.

